

EXPERIÊNCIA DE ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA NA DISCIPLINA “TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO” (TCC): DESAFIOS E PERSPECTIVAS

(Experience of assistance to teaching in the “Course Completion Assignment” (CCA) discipline: challenges and prospects)

RESUMO

O presente trabalho é um relato de estágio de assistência à docência na disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)* do curso de Bacharelado em Geografia. A partir de experiência docente, percebeu-se certa ansiedade do alunado em definir seus objetos de estudo, objetivos de pesquisa e aplicação de metodologias, da avaliação de resultados e redação da monografia. Esta experiência de estágio possibilitou um acompanhamento mais próximo junto ao desenvolvimento de *tccs*, incentivando os acadêmicos à conclusão de suas pesquisas, bem como, à aplicação de novas técnicas e metodologias no trabalho docente junto a esta disciplina.

Palavras-chave: Geografia – Ensino – Método.

ABSTRACT

This paper is a report of internship assistance to teaching in the discipline of *Course Completion Assignment (CCA)* of the Bachelor course in Geography. From teaching experience, it was noticed some anxiety of the students to define their objects of study, research as well as implementation of methodologies, evaluation of results and writing the thesis. This internship experience has enabled a closer work with the development of *CCAs*, encouraging students to complete their research, as well as the application of new techniques and methodologies in teaching in this discipline.

Keywords: Geography – Higher education – Method.

Nestor Alexandre Perekouskei

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia Ambiental e Regional da Universidade Estadual de Maringá (EUM).
Av. Mário Clapier Urbinat, 724, Bl. D, Apto. 4, Zona 7, CEP: 87020-260 - Maringá (PR) – Brasil
Tel: (+55 44) 9113 4016
nestorap@pop.com.br

Bruno Luiz Domingos de Angelis

Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá (UEM)
brucagen@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A partir da experiência como Professor Assistente, no ano letivo de 2008, ministrando a disciplina *Planejamento e Gestão do Território*, constante do 4º. ano do curso de Bacharelado em Geografia na Universidade Estadual de Maringá (UEM), percebeu-se certa ansiedade por parte dos acadêmicos, com relação aos seus trabalhos de conclusão de curso (*tccs*), principalmente na definição de seus objetos de pesquisa, do desenvolvimento e na organização das monografias.

Com esse diagnóstico foi oportunizada, no decorrer da referida disciplina, a discussão de alguns tópicos que pudessem ser utilizados como apoio a esses trabalhos, como por exemplo, a organização de projetos de pesquisa e orientações no decorrer daquele ano.

A ideia para este estágio no curso de Pós-Graduação - Doutorado em Geografia surgiu com uma experiência inicial de docência, objetivando auxiliar o alunado em suas monografias para a conclusão do curso.

Além disso, houve certa preocupação a partir da informação do professor responsável pela disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso*, dos altos índices de desistência nesta matéria, que com certeza, não é objetivo do curso, já que, além de seu objetivo primordial, funciona como uma etapa preparatória aos cursos de pós-graduação na área de Geografia.

Paralelo ao objetivo do estágio e da obtenção de informações relativas a disciplina TCC, a efetivação desta exigência da disciplina Assistência à Docência do curso de pós-graduação em Geografia (doutorado) foi um grande desafio. Nota-se que a disciplina TCC é direcionada mais livremente para a pesquisa, ficando o acompanhamento a cargo dos orientadores e da participação do professor responsável para as avaliações periódicas. Desenvolver um estágio de 60 (sessenta) horas, em uma disciplina anual, sendo que este estágio compreende diversas atividades, tornou-se realmente complexo, mas também, muito proveitoso.

REVISÃO DE LITERATURA

As diversas literaturas que trazem interessantes discussões sobre o ensino de Geografia, normalmente colocam o papel da universidade como formadora do profissional da Geografia, seja ele o professor ou o pesquisador geógrafo, inserido na complexa realidade da vida atual, com o intuito de enfrentar as diversas transformações no mundo que ainda estão por vir.

Há que se pensar em um ensino que forme o aluno do ponto de vista reflexivo, flexível, crítico e criativo. Não é uma formação para o mercado de trabalho apenas, mas um jovem preparado para enfrentar as transformações cada vez mais céleres que certamente virão (PONTUSCHKA, 2001, p. 111).

Atualmente continuam sendo propostos questionamentos sobre o ensino-aprendizagem da Geografia: Que conteúdos aplicar? Quais métodos? Qual a melhor linguagem? Como fazer com que os alunos se interessem pelo ensino de Geografia, inclusive para o desenvolvimento de sua vida?

São obstáculos que se colocam à frente deste profissional, juntamente com todo o avanço tecnológico estabelecido e que a cada dia se renova, com novas e modernas

técnicas e recursos que tendem a limitar o interesse do alunado por aulas teóricas e por recursos obsoletos que normalmente são dispostos para a atividade docente.

Historicamente até a década de 1960 havia pouca produção em pesquisa na área do ensino de Geografia, frequentemente eram estudos voltados a críticas de livros didáticos, com destaque para Delgado de Carvalho, professor e diretor do Colégio D. Pedro II no Rio de Janeiro, que publicou em 1925 o livro *A metodologia do ensino geográfico* trazendo como proposta o método de pesquisa na Geografia, bem como uma distribuição precisa e lógica dos conteúdos a serem trabalhados.

Já na metade do século XX os geógrafos preocuparam-se mais com a produção de artigos na área do ensino, discutindo sobre os conteúdos escolares, ou seja, “o que ensinar?”. E não propriamente com o “como ensinar?”

Durante muito tempo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Colégio D. Pedro II, comandaram os conteúdos de programas de ensino no Brasil, antes das primeiras gerações de licenciados das universidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

(...) Trata-se do fato de que, mais que qualquer outra coisa, foi fundamentalmente uma produção voltada para a geografia do espaço brasileiro, basicamente o estudo geográfico do Brasil, nem sempre produzido no País. Sobre tal aspecto é rara a produção brasileira voltada para o estudo geográfico de outras partes do Globo ou para temas gerais, assim como é relativamente pobre a produção brasileira voltada para os aspectos teóricos e metodológicos da Geografia. (PETRONE, 1979, p. 305).

Na década de 1950 a Geografia Tradicional passou a ser questionada em várias partes do mundo e também no Brasil. Os geógrafos passaram a buscar novos paradigmas para tentar compreender as grandes transformações que aconteceram no mundo, como conseqüências das crises na economia primária exportadora, das duas grandes guerras mundiais e a Depressão Econômica de 1929-1930. “O surgimento do setor industrial, a expansão do setor terciário, a urbanização e os progressos da divisão social do trabalho (...) puseram em evidência tanto os limites como as possibilidades do sistema econômico e político brasileiro.” (IANNI, 1977, p. 59).

O Brasil dos anos 1950 reintegrou-se ao sistema econômico mundial, sob a supremacia dos Estados Unidos, no entanto, classes sociais, como a burguesia industrial, classe média e proletariado, passaram a participar ativamente de debates que envolviam problemas nacionais, como:

- o desenvolvimento econômico;
- a industrialização;
- a emancipação econômica;
- a urbanização e conseqüente formação de áreas metropolitanas; e,
- as transformações sofridas pela mecanização da agricultura e outros.

Nesse contexto o planejamento econômico com a adoção de novas tecnologias passou a ser valorizado. (IANNI, 1977, p. 110).

As realidades locais passaram a ser analisadas articulando-se em nível nacional e mundial, ou seja, o lugar só consegue ser compreendido como produto de uma longa relação histórica/dialética entre o homem social e o meio natural transformado em meio geográfico, pela ação do trabalho e não mais por si mesmo. (PONTUSCHKA, 2001, p. 118).

A partir da Escola Nova e a obra de Jean Piaget na década de 1960, os professores entraram em contato com a Psicologia da Aprendizagem que despertou o interesse para o aluno, como sujeito da aprendizagem. Mesmo assim, as pesquisas na área do ensino

aumentaram somente no final do século XX, com estudos que discutiam as relações professor/aluno parametrizadas pelo conhecimento.

As novas metodologias contaram com o apoio de novos instrumentos e técnicas, como a aerofotogrametria, fotos de satélite e mais tarde nas décadas de 1980 e 1990, com programas de computadores sofisticados e o sensoriamento remoto.

Muito importante também considerar a intensificação da reflexão teórico-metodológica realizada no Brasil a partir da década de 1970:

A Faculdade de Filosofia de Rio Claro e seu Departamento de Geografia fundaram a Associação de Geografia Teorética (AGETEO) produzindo o *Boletim de Geografia Teorética*, utilizando metodologias quantitativas em suas análises, difundindo linhas de pesquisas até então desenvolvidas em países como a Inglaterra, Estados Unidos, Finlândia, Suécia e Alemanha, que buscavam nos métodos quantitativos e nos modelos matemáticos, análises mais detalhadas do espaço.

Autores como Lívia de Oliveira e Antonio Christofolletti pretendiam trabalhar com “velhos problemas da geografia sob novos ângulos”. Esses autores valorizavam os recursos da cibernética, teoria da informação e das comunicações, técnicas matemáticas e de simulação, como recursos que permitiriam não só explicar o espaço, mas também planejar prospecções. Ainda acreditavam no fim das dicotomias da Geografia em relação ao seu objeto e método.

No entanto essa corrente foi extremamente criticada por geógrafos de orientação marxista, ficando os teoréticos como um grupo menor da faculdade de Rio Claro.

A geógrafa Lívia de Oliveira nas décadas de 1970 e 1980 produziu muitos textos na área do Ensino de Geografia, direcionados à metodologia do ensino, baseando-se nas idéias de Piaget, sendo divulgados e discutidos nos cursos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e em outras instituições do País.

Como o Brasil vivia o período de ditadura militar, a Geografia Teorética não repercutiu diretamente no ensino, pois eram estudos baseados em realidades vividas e não se articulavam com interesses governamentais. As políticas educacionais nesse período histórico distribuíram nas escolas livros didáticos com conteúdos escolares muito pobres, valorizando apenas as “grandes obras” realizadas por militares, como hidrelétricas e rodovias de integração.

Na década de 1970, nas universidades, discutiam-se novos paradigmas teóricos para a produção em Geografia e o seu ensino. Na França, particularmente no pós-guerra e décadas seguintes, importantes geógrafos como Pierre George com a introdução de conceitos marxistas, Yves Lacoste em 1976 com a obra *A geografia – isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*, Bernard Kayser e outros, buscaram aprofundamentos teóricos na disciplina, utilizando-se principalmente do materialismo histórico e dialético.

Outros pensadores de outras áreas também merecem destaque, como: Manuel Castells, Henri Lefèbvre que analisaram o espaço urbano fazendo críticas às linhas de pensamento, e análises sociológicas e metodológicas para explicar as realidades estabelecidas no contexto capitalista; Michel Foucault com estudos sobre as relações de poder que não se resumem apenas ao poder do Estado, mas passa por todo um corpo social e a estrutura de instituições, como a escola, a família e outras; David Harvey com a obra *A justiça social e a cidade* e Alain Lipietz, com a obra *O capital e seu espaço*.

Algumas das tendências atuais na Geografia trazem como elemento comum o materialismo histórico como método de investigação, procurando superar os diversos dualismos que a Geografia sempre manteve em seus conhecimentos.

Na área do Ensino de Geografia, algumas contribuições atuais interessantes têm sido publicadas: Oliveira (2008) organiza alguns textos sobre as relações de poder;

Pontuschka (2001) contribui com excelente histórico sobre o Ensino de Geografia; Mansano, Fonseca e Andujar (2010) e Deffune (2010) organizam alguns exemplos de práticas de ensino; Lopes e Pontuschka (2010) com o estudo do meio; Martins (2008) organiza alguns artigos sobre a formação continuada no campo; Asari, Antonello e Tsukamoto (2004) com uma coletânea de artigos sobre a utilização da Cartografia no ensino, a discussão das categorias geográficas, utilização de recursos computacionais, turismo e educação ambiental, a interdisciplinaridade e estudos sobre a percepção ambiental.

O presente trabalho traz também uma experiência de estágio em assistência à docência, realizada na disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)*, que resultou em novas possibilidades de planejamento na referida disciplina e com certeza contribuirá para os pesquisadores na área do ensino. Trata-se de uma análise qualitativa realizada no ano de 2010, como exigência de estágio do curso de Doutorado em Geografia na UEM, que teve por compromisso auxiliar os acadêmicos na elaboração de suas monografias.

Paralelo a este breve histórico sobre o Ensino da Geografia, o relato dessa experiência representa um ponto de partida para a adoção de novas metodologias e técnicas de ensino na disciplina, devido principalmente às dificuldades percebidas junto ao alunado na realização de seus *tccs*.

METODOLOGIA

No ano de 2010, foram matriculados na disciplina *TCC*, 41 alunos, sendo 16 no período diurno e 25 no período noturno.

Inicialmente foram ministradas no início do ano letivo de 2010 (março e abril), 20 horas aula sobre temas afins à disciplina, como: a organização dos projetos de pesquisa; reflexões sobre o desenvolvimento de trabalho de campo; a utilização de ferramentas, como o Geoprocessamento e interpretação de mapas; modelos de pesquisa com a utilização de dados estatísticos e outras metodologias.

Da mesma forma, foram realizadas no decorrer do período, monitorias, acompanhando o planejamento das avaliações periódicas exigidas pela disciplina. O contato com os alunos para o comparecimento nas monitorias foi realizado por *e-mail*, com a devida antecedência.

Nos meses de abril e maio como segunda etapa, foram realizadas 20 horas de monitorias, sendo 8 horas destinadas à organização das monografias, e orientação sobre normatização da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e 8 horas realizadas para verificar a evolução (desenvolvimento) das pesquisas, além de orientar o alunado da importância em definir o objeto de estudo, seus objetivos e organização da revisão de literatura, bem como preparar seus trabalhos de campo, para posteriormente, trabalhar as outras etapas de pesquisa. Ainda foram destinadas 4 horas de monitoria para discutir algumas metodologias de pesquisa. Estas monitorias acompanharam a primeira etapa de avaliação do desenvolvimento das pesquisas, realizada pelo professor responsável pela disciplina em 22 de maio de 2010.

Finalizando este período de estágio, foi novamente realizada no mês de agosto a terceira etapa do estágio, com outras 16 horas de monitoria, sendo 8 horas dedicadas à organização dos trabalhos (normas da ABNT) e outras 8 horas destinadas ao acompanhamento de evolução das pesquisas, incentivando os alunos a trabalhar detalhadamente seus resultados, bem como a redação do *TCC*, além da organização dos trabalhos dentro das normas técnicas. Esta etapa de monitorias foi acompanhada

antecipadamente à segunda avaliação do desenvolvimento das pesquisas, realizada pelo professor responsável em 11 de setembro de 2010.

Ainda foram destinadas 4 horas do estágio, para avaliação e fechamento, junto aos alunos e ao professor da disciplina, que resultaram em algumas discussões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 41 alunos matriculados no início do ano letivo na disciplina, 14 (34,14%) participaram efetivamente do estágio.

A participação nas aulas por parte dos acadêmicos, bem como o interesse pelos conteúdos ministrados foram muito satisfatórios, ou seja, houve uma participação considerável. No entanto, o aproveitamento das monitorias por parte dos alunos, poderia ter sido melhor, havendo pouco comparecimento no decorrer do ano letivo. Outro aspecto interessante é que essa atividade apresentou melhores resultados com os alunos de período noturno do que com aqueles do diurno.

No decorrer das monitorias constataram-se certas dificuldades por parte dos alunos com relação ao desenvolvimento de suas pesquisas e que podem ser assim sintetizadas:

- a) Definição do objeto de estudo;
- b) Delimitação dos objetivos de acordo com o tempo disponível para realizar a pesquisa;
- c) Avaliação dos resultados de pesquisa e principalmente, escrever o texto.

Nota-se que existe uma grande dificuldade para a redação do trabalho o que é visto como um grande desafio pelos acadêmicos. Os alunos que participaram das monitorias com certeza tiveram maior segurança para a defesa de seu trabalho, pois além das orientações técnicas, também se incentivou a auto-estima, o apoio psicológico e o estímulo para a conclusão de seus trabalhos, além da organização de artigos científicos. Da mesma forma, sensibilizou-se o aluno a prosseguir em sua carreira acadêmica, já que a universidade oferece curso de pós-graduação *stricto-sensu*.

Talvez um trabalho prévio às avaliações periódicas, que fosse constante e obrigatório na disciplina, pudesse incentivar mais o alunado no desenvolvimento de seus trabalhos de conclusão de curso, e é claro, melhorar cada vez mais a qualidade das monografias apresentadas, bem como dar segurança aos alunos às futuras bancas de avaliação.

Uma organização de grupos de estudo que pudesse estar vinculada a disciplina *TCC*, seria de fundamental importância, estimulando o alunado à leitura e discussão dos temas de sua pesquisa e de outros temas afins, bem como a troca de informações, experiências e referências bibliográficas. Esse exercício poderia ser realizado mensalmente, coordenado pelo professor responsável ou por monitores.

Além de assistir a bancas de defesa de dissertações ou teses, seria muito interessante que os acadêmicos participassem das bancas de colóquios organizados nos cursos de pós-graduação, para se familiarizarem com a organização de projetos de pesquisa, ouvirem críticas e sugestões e a partir daí melhorarem cada vez mais suas propostas de pesquisa.

Independentemente do encerramento da carga horária de estágio, os alunos continuaram a ser acompanhados por *e-mail* ou encontros periódicos até as suas defesas, pois a experiência realizada nesta disciplina, de certa forma estimulou o professor a permanecer com suas atividades e, posteriormente, conhecer os resultados das pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contribui como ponto de partida para a adoção de futuras metodologias e técnicas a serem aplicadas na disciplina TCC. Apenas 1 ano de acompanhamento em um estágio de 60 horas é muito pouco para se traçar caminhos. No entanto, futuramente, com a continuidade desta experiência, as possibilidades de quantificação de indicadores positivos e negativos coletados junto aos alunos, poderão definir melhor as formas de superação dos impasses enfrentados na referida disciplina.

No momento pode-se considerar que o estágio realizado na disciplina TCC oportuniza ao professor o conhecimento amplo de diversos temas da Geografia e de outras ciências afins, pois surgem trabalhos envolvidos em várias linhas de pesquisa e com diversas propostas, enriquecendo também o aprendizado profissional.

A concretização deste trabalho com a divulgação em forma de artigo científico, certamente será aproveitada como experiência por outros profissionais da área do Ensino de Geografia.

Por enquanto, fica registrado este acompanhamento que com certeza foi muito oportuno e possibilitará novas discussões para que sejam organizadas futuras atividades na disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ASARI, A. Y.; ANTONELLO, I. T.; TSUKAMOTO, R. Y. (Org.). **Múltiplas Geografias: ensino – pesquisa – reflexão**. Londrina: AGB/Londrina, 2004.
- DEFFUNE, G. **A prática problematizadora do professor, e, o prazer do aluno estudar Geografia. Será possível?** Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá (Eduem), 2010.
- IANNI, O. **Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1977.
- LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. **Estudo do meio: fundamentos e estratégias**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá (Eduem), 2010.
- MANSANO, C. N.; FONSECA, R. L.; ANDUJAR, P. V. (Org.). **Praticando a Geografia em sala de aula: projetos geográficos na construção do conhecimento**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá (Eduem), 2010.
- MARTINS, F. J. (Org.). **Educação do campo e formação continuada de professores: uma experiência coletiva**. Porto Alegre: EST Edições; Campo Mourão: FECILCAM, 2008.
- OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 2008.
- PETRONE, P. **Geografia humana do Brasil**. História das ciências no Brasil. São Paulo: EPU/Edusp, 1979.
- PONTUSCHKA, N. N. A Geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2001.

Trabalho enviado em Abril de 2011.

Trabalho aceito em Julho de 2011.